

Homenagem a Elliot Eisner

InVisibilidades (2014) 6: 178-180

DOI 10.24981.16470508.6.19

INVISIBILIDADES REVISTA IBERO-AMERICANA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTES | #6 | ISSN 1647-0508

Elliot Eisner na arte-educação global e em Portugal

por Elisabete Oliveira

CIEBA-FBAUL. Portugal

Elliot Eisner viveu de 10.03. '33, em família de Judeus Russos emigrada em Chicago, até à morte de *Parkinson* a 10.01.'14. Com gratidão e saudade recordo o primeiro encontro com esse meu Professor, na sua Sabática e minha Pós-Graduação no Instituto de Educação da Universidade de Londres, '79-80.

Este contacto permitiu, em '80, termos o privilégio de uma formação de 50 professores e inspectores na FCG - Lisboa, com o Ministério da Educação, por Eisner, em que o assisti. A sua obra começara a ser conhecida em Portugal nos anos '70, por referências nossas e de Alfredo Betâmio de Almeida - vinda de Londres a sua obra *Educating Artistic Vision* ('72) -, nas Bibliografias dos Programas e nas Acções de Formação de Professores no país, quando do lançamento destes. E pelos anos '78 - '88/'89, no Gabinete de Apoio à Educação Visual do Ministério da Educação, a Inspectora Irene Sam Payo traduziu excertos dessa obra, difundidos aos Professores.

Em Portugal, Eisner foi ainda crucial no reconhecimento da APECV - Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual ('88-), como RNO - *Representative National Organization*, secundado por John Steers que, em '90, lhe reconheceu uma abrangência e operacionalidade que ultrapassavam a da anterior, a APEA - Associação Portuguesa de Educação através da Arte (desde '57-). Foi Eisner quem impulsionou que propuséssemos a 3ª Conferência de Investigação/3º Congresso Europeus da INSEA para Lisboa ('94); e, ainda, convidou Portugal (três especialistas), à *International Conference on the Future of Arts Education. Global Perspectives for the New Millennium*. N. York. 1999.

Desde a Conferência Mundial de Investigação INSEA, Roterdão '81, (Figura 1) participei com Eisner em numerosas Conferências de *Arte-Educação* pelo mundo: ele, Presidente da INSEA ('88-'91), com Vice-Presidência antecedente e sequente; e eu, Conselheira Mundial ('88-'97). Constatei como valorizava os contextos em que intervinha, em empático diálogo: exº, a 1ª Conferência de Investigação Africana INSEA, Lagos-Nigéria '88, onde optou por formar para uma investigação ali enraizada em vez de difundir modelos de investigação externos. Com comunicabilidade penetrante, conversava com o profundo empenho de valorizar o arte-educador e chegando, na sua dedicação, a disponibilizar artigos actualizantes.

A foto de Pablo Scagliola (Figura 2) espelha o seu rigor científico; e gosto de brincar, com profundo vislumbre. Numa noite cultural nigeriana, Eisner foi chamado ao palco, em peúgas; disse, no seu modo optimista lúcido: *Se eu não voltar, contem à minha mulher! Aspergiram-lhe a cabeça com sangue de um galo sacrificado e declararam-no imortal: Agora noutra dimensão, consumou a imortalidade, pela dádiva de centenas de artigos e 15 livros estruturantes de Arte-Educação e Educação.*

Educating Artistic Vision ('72), com a sua visão curricular triangular (*dimensões produtiva, crítica e cultural*), terá fundamentado: (1) Abordagens *triangulares*, como a de Ana Mae Barbosa (eixos produtivo, crítico e histórico-cultural) ou a nossa (dimensão, D material – Função, F tecnológica; D Social – F comunicativa; D ontológica – F de organização-de-vida); (2) A *Cultura Visual* no currículo escolar - que em Portugal se afirma nos Programas desde '74-'75, após a pacífica revolução de 25 Abril '74, em interacção com a explosão da imagem em liberdade de expressão após quatro décadas ditatoriais -, em graffiti's, cartazes, *cartoons*, banda desenhada e fanzines; nas campanhas culturais e de alfabetização do Movimento das Forças Armadas nas aldeias; ou no teatro, cinema e circo sem censura.

Uma semelhante liberdade defende Eisner para a concepção da Educação – ao enunciar os *objectivos expressivos*, para além dos de *imitação/mestria* ou do *2º grau/de transferência ou design*, em *The Educational Imagination. On the Design and Evaluation of School Programs* ('79); e considerando, para lá do currículo *expresso* e do *oculto*, o *nulo* – daquilo que se inibe que possa ser experimentado ou se faça (não) acontecer. E daqui derivando, defende uma arte da avaliação

formativa em *The Art of Educational Evaluation. A personal view* ('85): o professor prosseguirá uma investigação-acção qualitativa cujo criticismo será de natureza artística. Em polémica com Howard Gardner, abre caminho a que até uma novela possa ser defendida como tese.

Em *Art in Mind: An Agenda for Research* (Stanford Keynote. '00), explicita que a mente é um processo cujo crescimento é influenciado pelo seu uso, pela *cultura* (modo antropológico, de vida partilhada; ou biológico, de fazer crescer coisas). As escolas desenvolverão a mente para que as pessoas se reinventem ao longo da vida, arquitectas da própria educação. Às artes cabe o *pensamento sentido*, expressando a descoberta no curso da acção. O modelo dos meios precedendo os fins será útil ao planeamento, mas em situações complexas os objectivos podem derivar da aplicação dos meios, imprevisivelmente. Com esta visão, converge o nosso uso de *referenciais* em vez de *modelos*; e a verificação em investigação campo, da necessidade e eficácia do processo de *auto-eco-compatibilização* contínua. Investigámos que, até à adolescência, pelo final do 9º ano, os alunos não atingem geralmente a autonomia de critério crítico; e em diálogo com Michael Parsons, este confirmou não ser frequente encontrá-la antes dessa idade. Nesta base, defendemos que a escolaridade obrigatória, até ao final do 9º ano, deve incluir a Educação Visual/criatividade no *core-curriculum*, seja qual for o grau de flexibilidade ou autonomia reconhecido à escola.

Eisner presidiu ainda às Associações Profissionais NAEA, AERA e John Dewey Society; e recebeu numerosos Prémios de Professor de Arte e Educação na Stanford University e Mundiais/Nacionais de carreira.

Em palavras suas (In: Oliveira E, Educação Estética Visual Eco-necessária na Adolescência – Entrevista. '10.

- *Eu quero reter conjuntamente a generalidade do campo e a sua contribuição para outras áreas da vida e, ao mesmo tempo, reconhecer o que especifica ou unicamente pertence ao campo da arte-educação.* (Refere: *The Enlightened Eye*. '91)

(...) *A energia que tenho alimenta-se na alegria e prazer em dirimir com ideias com as quais venho lutando durante uma vida de trabalho de investigação.*

(...) *Sugeriria aos arte-educadores... Criem uma consciência na vossa vida entre o que está firmado na terra e ao mesmo tempo atinge bem alto, acima do chão para explorar as possibilidades que as artes tornam possíveis nas vidas daqueles que nelas, se empenham e se embrenham na sua realização.*



Figura 2 – Foto premiada de Eisner, por Paulo Scagliola.
Blog DIDATICA III



Figura 1 – Conferência de Investigação Mundial da INSEA, Roterdão '81 Pormenor). (Photo: National Institute for Curriculum Development. Netherlands). A partir da esq^a: 1^a fila, 1^o, Irein Wangboje (Nigéria); 2^a fila, 3^a, Phylis Gluck (NY); 5^a, Andrea Karpati (Hungria); 7^o, Brian Allison (UK); Elisabete Oliveira (Portugal); 3^a fila: 4^o, EISNER (Stanford); 4^a fila: 2^o, Peter Hon-Chiu (Hong Kong); 3^o, Ralph Smith (Illinois); 4^o, Diethart Kerbs (Alemanha) e 9^o, Luis Errazurie (Chile),